

## **BOTOCUDOS NA EUROPA NA DÉCADA DE 1820, POR CHRISTIAN FEEST<sup>1</sup>**

### **APRESENTAÇÃO: A História dos Botocudos na Europa: Um Retrato das Contradições Coloniais**

Edson Krenak <sup>2</sup>

A trajetória dos Botocudos na Europa durante o século XIX é uma das histórias mais marcantes da interação colonial, científica e cultural entre o Brasil e o continente europeu. Os Botocudos - chamados assim pelos franceses por causa dos botoques que usavam os povos da região norte de Minas Gerais, Sul da Bahia e Espírito Santo - têm entre seus descendentes hoje os Krenak, Arana, Burum, e Puri. Além das conhecidas coleções amazônicas, os museus europeus ainda conservam milhares de objetos e testemunhos dos Botocudos em seus arquivos como resultado das viagens exploratórias coloniais, de cunho científico ou simplesmente para satisfazer um público ávido por “curiosidades”.

A presença de indígenas na Europa fazia parte das manias colonialistas das coroas dos Habsburgos, Prússia e outras monarquias europeias em exibir coleções “extravagantes” de outras terras – indígenas, africanas, japonesas/chinesas, etc. Essas exposições eram estratégias para reforçar o prestígio de seus tronos em meio às turbulências provocadas pela Revolução Francesa e pelos movimentos de libertação e descolonização nas Américas. A chamada Santa Aliança, formada entre Áustria, Prússia (Alemanha) e Rússia entre 1814 e 1820, visava consolidar o poder das monarquias e suprimir movimentos antimonárquicos que emergiam no Velho Continente. A Áustria, em particular, adotou uma diplomacia agressiva, que, com o apoio da Alemanha, chegou a reprimir movimentos intelectuais em universidades e comunidades científicas.

Para manter o prestígio entre intelectuais e grandes nomes da cultura, essas monarquias patrocinavam expedições científicas, das quais Alexander von Humboldt se

---

<sup>1</sup> Etnólogo e etnohistoriador austríaco. Foi professor de Antropologia na Goethe University em Frankfurt am Main e diretor do Museu de Etnologia de Viena. O presente trabalho foi apresentado e traduzido por Edson Krenak.

<sup>2</sup> Ativista indígena, escritor e doutorando na Universidade de Viena (Áustria). Possui mestrado pelo PPGL/UFSCar. É autor da obra “*O Sonho de Borum*”, vencedora do 10º Concurso Tamoios de Textos de Escritores Indígenas.

tornou o nome mais icônico nas explorações da América do Sul. A propaganda das coroas não se limitava à construção de museus, mas incluía a organização de grandes exposições itinerantes e espetáculos culturais que exibiam as "exoticidades" de outras culturas. Esses eventos buscavam reafirmar a suposta superioridade civilizatória europeia. Culturas indígenas das Américas e da África eram associadas ao grotesco, ao exótico e ao monstruoso, sendo exibidas em parques, jardins, festas de gala em palácios e vitrines públicas.

Com o rápido crescimento demográfico e a urbanização acelerada de cidades como Viena e Berlim, exibir culturas do mundo tornou-se o novo "pão e circo" de uma Europa que temia o avanço dos movimentos libertários e políticos em seu próprio território. Países como Portugal, Espanha, França e Itália enfrentavam tanto revoluções internas quanto pressões externas. Enquanto as monarquias estavam desafiadas e a ordem política em crise, a exibição de culturas consideradas "distantes" oferecia um sentimento de controle e superioridade, mesmo que subjacente estivesse a constatação de que o mundo era maior e mais diverso do que os jardins dos palácios.

O texto que temos em mãos revela detalhes impressionantes desse momento peculiar da história da colonização, capturando o clima de tensão e curiosidade que permeava as principais cidades europeias. Ele nos lembra como o colonialismo moldou não apenas as relações entre continentes, mas também as dinâmicas culturais e políticas dentro da própria Europa.

Nesse contexto, a relação entre Brasil, Áustria e Alemanha – para destacar os mais relevantes aqui – foi marcada por interesses geopolíticos, culturais e econômicos que refletiam o contexto das transformações globais. O casamento de Dom Pedro I, então príncipe do Brasil, com a arquiduquesa Leopoldina da Áustria, em 1817, simbolizou uma aliança estratégica entre as coroas portuguesa e austríaca. Leopoldina desempenhou um papel fundamental na independência do Brasil, atuando como conselheira e incentivadora de políticas que aproximaram os interesses brasileiros e europeus, especialmente com os Habsburgos.

Ao mesmo tempo, a Alemanha, embora fragmentada em pequenos estados, já tinha forte presença intelectual e científica na América do Sul. Expedições patrocinadas por estados germânicos e por famílias nobres austríacas e prussianas, como as de

Alexander von Humboldt, Johann Baptist von Spix e Carl Friedrich von Martius, consolidaram a imagem do Brasil como um território exótico, rico em biodiversidade e culturas indígenas. Esses relatos científicos e artísticos serviram não apenas para a expansão do conhecimento europeu, mas também para reforçar narrativas colonialistas que posicionavam o Brasil como um espaço de exploração e dominação.

Além disso, as monarquias austríaca e alemã viram no Brasil uma oportunidade para reforçar seus laços políticos e econômicos. O Brasil, por sua vez, buscava na Europa aliados que legitimassem sua posição como um império independente e moderno. Essa relação, no entanto, também perpetuou a exploração de recursos e povos indígenas, cujas histórias e culturas foram frequentemente descontextualizadas e utilizadas como instrumentos de entretenimento e propaganda colonial. Os indígenas e suas culturas foram usados como souvenirs e mimos aos poderosos no jogo político. O texto adiante retoma detalhes impressionantes do mercado do showbusiness social e acadêmico europeu dos anos de 1820.

Hoje, quando caminho pelas ruas e parques, visito museus e palácios nestes lugares que serão citados no incrível artigo do professor Feest, não somente vejo os resquícios dessa época e a riqueza que esse jogo geopolítico acumulou aqui, mas sinto ainda a presença dos parentes, a dor e a vergonha, a violência das trocas, doações e *trading* de “artefatos” que no mínimo eram injustos, mas testemunho principalmente a força dos indígenas e africanos que, embora tão abissalmente diferentes e mais “simples”, sobreviveram à guerra cultural e física, à violência real e simbólica que seus povos sofreram. Muitos deles, como os que foram retirados de suas comunidades no Vale do Jequitinhonha e do Mucuri e levados para exibição em cidades como Viena, Hamburgo e Londres, eram símbolos vivos de um mundo que parecia exótico e distante para o público europeu.

Sob diferentes contextos, eles foram apresentados como “canibais selvagens” e objetos de estudo antropológico – a grande ciência colonial do século XIX –, mas também reconhecidos por sua humanidade e carisma. Suas experiências ilustram as contradições de uma época que buscava não somente compreender mas dominar o “outro”, ao mesmo tempo em que demonstrava fascínio e admiração por sua alteridade. Se ainda estamos aqui, caminhando suavemente, com afeto e genuíno interesse pelo

outro, é porque nossa resistência e resiliência nos trouxeram até aqui.

### **Nota sobre a Percepção da Aparência Indígena na Europa do Século XIX**

Muitos comentários que leremos no texto sobre a aparência dos indígenas Botocudos e outros povos indígenas não somente das Américas, frequentemente registrados em documentos históricos da Europa do século XIX, como jornais, revistas e livros, representam uma visão profundamente enraizada no contexto colonialista, racista e etnocêntrico da sociedade da época. Essas descrições, geralmente marcadas pelo exotismo ou pela desumanização, revelam não apenas preconceitos culturais, mas também as estruturas de poder subjacentes que sustentavam o colonialismo europeu. Ao exotizar os indígenas os europeus se sentiam no direito de comercializá-los, diminuir-los, dominá-los. Por isso, foram tratados como mercadorias, como peças destinadas a museus.

No caso dos Botocudos – os ancestrais de várias povos do Vale do Jequitinhonha - suas características físicas, como os botoques nos lábios e orelhas, eram frequentemente descritas como "monstruosidades" ou "peculiaridades", em contraste com os padrões de beleza e civilidade europeus. Ao mesmo tempo, tais características eram usadas como instrumentos para reforçar a alteridade desses povos, perpetuando a ideia de que eram selvagens e pertenciam a um estágio "inferior" de desenvolvimento humano. Tais julgamentos estéticos não eram meramente opiniões individuais, mas reflexos de sistemas de poder que buscavam justificar o colonialismo por meio da criação de hierarquias raciais e culturais, e, portanto, a missão de civilizar e cristianizar essas culturas.

Como vamos ver, essa visão exotizante e desumanizadora também era amplamente explorada no entretenimento e na ciência, mostrando a necessidade, hoje, de decolonização e transformação da cultura/arte e da ciência. Exibições públicas de indígenas, como as organizadas por Julien Chabert, discutidas no texto em detalhes, foram apresentadas como oportunidades para o público europeu "civilizado" observar "selvagens" em seu "estado natural." Essa cumplicidade da sociedade europeia nunca mudou, seja durante o nazismo e seus crimes contra judeus e minorias, como a

cumplicidade na destruição do meio ambiente em nossos territórios, no consumo de ouro, minérios e outros produtos que são resultados da mesma lógica capitalista e colonialista.

Ao mesmo tempo, é importante notar que havia relatos que reconheciam, ainda que de forma limitada, a humanidade compartilhada entre os povos indígenas e os europeus. Essas narrativas, contudo, eram frequentemente suprimidas ou subjugadas pelas representações dominantes que priorizavam a alteridade, o discurso do exótico. A habilidade de alguns indígenas de interagir em línguas europeias ou de demonstrar comportamentos considerados "admiráveis" pela sociedade europeia era frequentemente destacada como "exceções" que não alteravam as percepções racistas predominantes. Ainda hoje, muitos indígenas - principalmente ativistas e que atuam em outros meios - são exotizados como exceções à regra do selvagem.

Os registros dessas percepções devem ser analisados criticamente à luz do contexto histórico em que foram produzidos. Eles não apenas documentam e testemunham as atitudes da época, mas também fornecem insights sobre como o colonialismo moldou as relações entre povos, estabelecendo sistemas de opressão que continuam a ter impacto até hoje.

As pesquisas rigorosas e detalhadas do professor Christian Feest trouxeram à luz essas histórias, apresentando um panorama profundamente enriquecedor sobre os Botocudos e seu papel nas narrativas coloniais e científicas da Europa, e que são chaves para entender as enormes coleções dos museus europeus e as condições de pilhagem, coleta e acúmulo de objetos indígenas. O trabalho de Feest, baseado em fontes históricas e etnográficas antigas e atuais, não apenas resgata essas experiências, mas também revela as dinâmicas de poder, exploração e curiosidade científica que marcaram o período. É uma honra e um privilégio contar com sua dedicação, rigor científico e parceria, que permitiram que essas histórias fossem registradas e compartilhadas aqui, talvez pela primeira vez no Brasil.

Para os descendentes dos Botocudos no Brasil, como os povos Krenak e Aranaã do Vale do Jequitinhonha, o trabalho de Feest é de imenso valor. Ele não apenas preenche lacunas históricas, mas também contribui para a preservação e valorização da memória desses povos, e também para outro tipo de viagens e outras repatriações que

esperemos aconteçam no futuro próximo. Em um contexto em que a história dos povos originários é frequentemente silenciada ou distorcida, ou empoeirada nas gavetas de projetos sem recursos para pesquisa e publicação, pesquisas como essa ajudam a reconectar as comunidades com suas raízes, oferecendo uma compreensão mais profunda de suas trajetórias e resistências.

Agradeço ao professor Christian Feest por sua contribuição inestimável e por sua sensibilidade em tratar dessas histórias com o respeito e a seriedade que merecem. Seu trabalho transcende a academia, impactando diretamente as vidas e a memória dos povos indígenas do Brasil, que continuam a lutar pela proteção de seus direitos, terras e culturas. Que o resgate dessas histórias inspire novas gerações a reconhecerem a riqueza e a resiliência dos povos originários, cuja contribuição para a humanidade é incomensurável. É com muito prazer que apresento aqui minha versão do artigo do professor Feest.